

PODER

Lula ressalta afinidade com general

Presidente afirma que ele e o comandante do Exército pensam igual sobre a atuação dos militares, que só devem obrigação ao Estado

» INGRID SOARES

Ao lado do presidente Alberto Fernández, após reunião na Casa Rosada — sede do governo argentino —, Luiz Inácio Lula da Silva salientou a afinidade entre ele e o comandante do Exército, general Tomás Miguel Ribeiro Paiva. Segundo o presidente, os dois pensam da mesma forma sobre o apartidarismo das Forças Armadas e a respeito do papel que os militares, como servidores de Estado, devem exercer, independentemente de qual seja o governo.

“Escolhi um comandante do Exército e não foi possível dar certo”, disse Lula, referindo-se ao general Júlio César Arruda, que ficou somente 23 dias à frente da Força. “Tirei e escolhi outro comandante. Tive uma boa conversa e ele (Tomás) pensa exatamente com tudo que tenho falado sobre as Forças Armadas. Elas não servem a político, elas não existem para servir um político. Existem para garantir a soberania do nosso país, sobretudo contra possíveis inimigos externos e para garantir tranquilidade ao povo brasileiro”, salientou.

Um dia antes de Lula dispensar Arruda, Tomaz — então à frente do Comando Militar do Sudeste — fez um discurso, no Quartel-General Integrado (QGI), em São Paulo, durante evento que homenageava os militares mortos durante terremoto no Haiti em 2010, no qual destacou pontos que vinham sendo ignorados por seus colegas de farda. Chamou a atenção para o papel dos militares na defesa da democracia, apontou o respeito ao resultado das urnas na última eleição presidencial, atacou

as mentiras disseminadas nas redes sociais e rejeitou a politização dos quartéis.

Segundo Lula, o presidente Jair Bolsonaro violou o preceito constitucional de que as Forças Armadas não podem ficar alinhadas a qualquer governo. “Está claro na Constituição. O que aconteceu é que Bolsonaro não respeitou a Constituição, nem as Forças Armadas. Tenho certeza que vamos colocar as coisas no lugar e o Brasil vai voltar à normalidade”, assegurou.

Cooptação

O presidente deixou claro, mais uma vez, que instituições de Estado devem se manter equidistantes do governo da vez. Lula citou o Ministério das Relações Exteriores (MRE) como exemplo da cooptação feita por Bolsonaro ao projeto político que tentou implantar no país.

“O Itamaraty não tem que servir ao Lula, tem que servir a qualquer outro presidente. E assim vale para os militares. Não têm que servir ao Lula”, disse, acrescentando que qualquer agente de Estado tem direito a preferências políticas, mas, se quiser entrar para a vida pública e partidária, deve deixar a carreira.

Segundo Lula, o terrorismo de 8 de janeiro, em Brasília, foi anormal. “Aconteceu um fenômeno no Brasil. Se pedir para que eu explique, não sei explicar. Mas Bolsonaro conseguiu maioria em todas as forças militares, na polícia dos estados, na PRF (Polícia Rodoviária Federal), uma parte da PM e uma parte das Forças Armadas. Isso é reconhecido por qualquer cidadão que faça política no Brasil”, afirmou.



Escolhi um comandante do Exército e não foi possível dar certo. Tirei e escolhi outro comandante. Ele (Tomás) pensa exatamente com tudo que tenho falado sobre as Forças Armadas. Não existem para servir um político”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Valter Campanato/Agência Brasil



Segundo o ministro, o general Tomás Paiva está “entusiasmado” para ocupar o posto para o qual foi designado

Múcio: ataque golpista não terá perdão

» RAPHAEL FELICE

O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, disse, ontem, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva “não vai perdoar ataques golpistas” e que as investigações sobre os responsáveis “vão até o fim”. A afirmação foi feita depois do café da manhã que teve com o comandante do Exército, o general Tomás Miguel Ribeiro Paiva, ex-comandante militar do Sudeste.

A principal missão de Tomás será pacificar o Exército e ajudar o governo federal a ajudar a identificar, abrir investigações e exonerar militares que tenham apoiado ou participado dos atos golpistas de 8 de janeiro. Mas o comandante tem outra missão:

solucionar o impasse sobre o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro, indicado pelo governo anterior para assumir o 1º Batalhão de Ações e Comandos (BAC), em Goiânia, no começo de fevereiro.

Além disso, Cid é acusado de operar um suposto caixa 2 no Palácio do Planalto e de pagar várias despesas de Bolsonaro e sua família com os cartões corporativos da Presidência da República — inclusive fazendo saques em dinheiro vivo em uma agência bancária dentro do Palácio do Planalto. O novo comandante do Exército assumiu o compromisso de dar uma solução para o caso do tenente-coronel, mas quer fazê-lo de forma a evitar mais

mal-estar junto à tropa.

Segundo Múcio, Tomás está “entusiasmado” para assumir o comando e que precisará apurar arestas. “Ele prometeu servir ao país no comando do Exército. Está entusiasmado. Evidentemente que existem algumas costuras internas para fazer, a coisa foi muito rápida, mas nós tínhamos que fazer o que foi feito”, disse o ministro.

Há o consenso entre Lula e a cúpula do governo federal mais próxima do presidente de que houve tolerância do ex-comandante do Exército Júlio César Arruda com os acampamentos de extremistas bolsonaristas que se espalharam pelo país. Além disso, pesa contra ele a suspeita de que teria

atuado contra a desmobilização dos grupos que se acantonaram nas portas dos quartéis.

Exonerações

Em meio às investigações dos responsáveis pelas invasões das sedes dos Três Poderes, o governo federal fez, ontem, mais uma rodada de exonerações de militares em cargos no Poder Executivo. Seis militares alocados na Presidência da República, Vice-Presidência e Gabinete de Segurança Institucional (GSI) foram exonerados, segundo o *Diário Oficial da União (DOU)*. Na semana passada, 62 perderam cargos na administração pública.



É assim que os alagamentos vão acabar.

Quando chove demais no DF, há lugares que ficam alagados. Para acabar com os transtornos causados pelo excesso de chuva, o GDF está iniciando o programa Drenar DF, um investimento de R\$ 174 milhões, com recursos da Terracap. Túneis e lagoas de contenção gigantes vão resolver um problema de décadas. As obras são subterrâneas, não vão interferir na área tombada e serão executadas em etapas: primeiro na Asa Norte e depois na Asa Sul e em Taguatinga. O GDF não para.

Início das obras no Mané Garrincha.



Término das obras na Praça Internacional da Paz, a ser construída.